

APRESENTAÇÃO

O presente número de *Crítica e Sociedade* é lançado em uma conjuntura de avanço do conservadorismo em todos os planos da vida social, em um “momento de perigo”, tal como denominado por Walter Benjamin em alusão ao conformismo e à acomodação dos poderes aos valores tradicionais. Os avanços sociais conquistados recentemente estão ameaçados pelas políticas de ajuste fiscal e por reformas que retiram direitos e benefícios dos trabalhadores. Questões identitárias que vinham ganhando espaço no plano da cultura política brasileira, bem como arcabouço legal, são combatidas por setores conservadores que disseminam um discurso machista, homofóbico e racista. A reação conservadora aos avanços conquistados pelas chamadas minorias está nas ruas, encontra-se organizada em bancadas no Congresso Nacional, incitando no seio social um discurso de intolerância e de incentivo ao ódio. *Crítica e Sociedade* tem como compromisso divulgar e respeitar os princípios democráticos e a pluralidade de ideias científicas e filosóficas, motivo pelo qual nos inquieta a onda conservadora que vive a sociedade brasileira.

Os artigos publicados no presente número prezam pelo pensamento crítico, pela liberdade de ideias e tratam de questões identitárias (da politização das mulheres e das mulheres militantes), dos desafios da educação, das sofisticadas formas pelas quais a ideologia neoliberal de “governança” se enraíza nos debates teóricos e nas práticas políticas nacionais e internacionais, do lugar do “povo” no pensamento social, entre outros temas.

Diana Mulinari e Nora Räthzel são sujeito e objeto da pesquisa sobre os processos de politização delas próprias, feministas, migrantes, de esquerda e ativistas em distintas causas em variados momentos de suas vidas. Utilizando de metodologia original, a história de vida, relatada uma para a outra e analisada uma em diálogo com a outra, “*Biografias politizantes: a formação da subjetividade transnacional como insiders outside*” constitui um texto inventivo e instigante. Politizadas na Argentina e no Oeste da Alemanha (seus respectivos países de origem), as autoras identificaram ainda na infância as primeiras marcas da diferença de gênero, da desigualdade de classe, da opressão política (uma como migrante e a outra como filha de presos políticos). O objetivo do texto é “refletir teoricamente sobre as maneiras pelas quais identidades (de

gênero) privilegiadas releem criticamente suas próprias posições e transformam o próprio entendimento sobre elas mesmas e o mundo, através do campo da política”.

Em “*Saudades do Brasil: Nação, província e cosmopolitismo na imaginação social brasileira*”, Marcelo Diana examina algumas interpretações do Brasil, feitas ao longo dos séculos XIX e XX, que tematizam da produção de identidades e estranhamentos na história do Brasil. Discute a relação entre a imaginação social do povo e da nação brasileiras de maneira integrada aos debates sobre centralização e descentralização do Estado, as divergências entre a visão de povo elaborada pelos intérpretes de 1930 e, finalmente, a contribuição contemporânea de Jessé de Souza, acerca da rale.

Em “*Debate teórico em torno do tema Governança: reflexões preliminares*”, Shalimar Gallon e Marília Bortolozzi Severo discutem a emergência do termo “governança” nos debates teóricos e na prática política contemporânea, termo que remete à ideia de cooperação, horizontalidade e distribuição equitativa de poder em situações negociais. No contexto de globalização, as decisões no sistema internacional resultam da atuação de diversos atores não estatais, entre os quais as organizações não governamentais (ONGs), o Banco Mundial (BM), a Organização das Nações Unidas (ONU), bem como os países que tem maior influência política e econômica (EUA, Alemanha, França, China, entre outros). Teria surgido, então, a necessidade de se repensar a governança em termos de um espaço público democraticamente renovado e, de forma contínua, de uma governança mundial que “governa sem governo”. Shalimar Gallon e Marília Bortolozzi Severo apresentam uma revisão crítica das abordagens do termo, entre as quais a oferecida pelo Banco Mundial, instituição multilateral de governança econômica global, colocando em evidência que o termo governança não é politicamente neutro, posto que secreta interesses e aspectos da ideologia neoliberal que assevera o livre exercício da economia mundial globalizada.

Mônica Abdala e Jeremias Brasileiro discutem os hábitos alimentares e as formas de sociabilidade a partir das mudanças nas refeições, especialmente o jantar, a partir do relato de pessoas idosas. Em “*Tradições e mudanças no hábito de jantar: relatos de idosos*”, os autores, retomando a bibliografia clássica e pesquisas contemporâneas sobre o tema, discutiram os resultados de pesquisa realizada na Irmandade do Rosário, colocando em evidência tanto a permanência do hábito de jantar entre idosos quanto a

contínua responsabilidade das mulheres pelo trabalho doméstico e pela preparação das refeições noturnas.

Camilla de Almeida Silva discute, em *“Trabalhadoras e militantes: construção de uma política sindical voltada às trabalhadoras assalariadas da fruticultura irrigada na região do Sub-médio São Francisco”*, as mudanças econômicas na fruticultura irrigada que tornaram a referida região um dos principais produtores de frutas para exportação no país. O incremento da fruticultura produziu impacto no mercado de trabalho e na composição da força-de-trabalho na agricultura, com o aumento significativo de mulheres. Buscando dar visibilidade às mulheres, para além do trabalho, a autora pesquisou tanto a participação delas no sindicato, quanto o incremento de pautas especificamente femininas nas negociações coletivas. A análise das convenções coletivas de trabalho, negociadas no Vale, permite compreender a forma como se ampliaram as garantias de direitos às trabalhadoras, tanto pelo grande número de mulheres contratadas pelas empresas, como também pelo ingresso destas nas diretorias dos sindicatos.

Em *“O sentido da educação em Émile Durkheim e Max Weber: elementos para um estudo comparado”*, Sidnei Ferreira de Vares e Vanessa Beatriz Bortulucce retomam Émile Durkheim e Max Weber, objetivando traçar as diferenças e as possíveis aproximações entre ambos quanto ao tema da educação. Além de discutir o tratamento conferido por Weber e Durkheim ao fenômeno educativo, destacam o lugar ocupado pelo sistema de ensino em suas respectivas obras.

Fechamos o presente número de Crítica e Sociedade com a publicação de uma entrevista com a professora Emérita da Universidade Federal de Pernambuco, Silke Weber. Silke Weber tem em sua trajetória destacada atuação, seja como secretária de educação, seja como membro de instituições públicas e de pesquisa em educação, tal como no Conselho Nacional de Educação e o INEP/MEC. Autora de vasta produção acadêmica construída na interface entre os campos da Sociologia e da Educação, Silke Weber aborda, na entrevista realizada por Amurabi Oliveira, o campo da Sociologia da Educação, o cenário das Ciências Sociais na graduação e na pós-graduação no Brasil e os desafios postos para a educação brasileira para os próximos anos.